A TEORIA HISTÓRICO-SOCIAL DA PERSONALIDADE

Euclides Redin*
Adelino Massarolo**

1. Introdução; 2. Questões preliminares; 3. Indivíduo e personalidade são conceitos complementares, mas necessariamente diferentes; 4. Tese histórico-social de formação especial da personalidade, própria somente do "ser-homem"; 5. Em conclusão.

1. Introdução

Os articulistas da presente publicação objetivam tornar mais conhecidos três nomes da psicologia científica da União Soviética. São eles: Lev Semenovich Vigotskii (1896-1934), Alexander Romanovich Luria (1902-1977) e Alexis N. Leontiev (1903-1979). Não satisfeitos com as teorias psicológicas tradicionais (atomismo, mentalismo) e contemporâneas (gestaltismo, behaviorismo) empreenderam um longo trabalho conjunto para encontrar as bases científicas dos processos psicológicos superiores, especificamente humanos, quanto à origem e desenvolvimento do psiquismo, da consciência e da personalidade, que não estavam devidamente contemplados naquelas teorias em moda na sua época.

Tudo começou em 1924, no II Congresso de Psiconeurologia em Leningrado quando, coincidentemente, os três investigadores se encontraram e, a partir de então, determinaram seguir juntos seus trabalhos de investigação. Foi o que se deu durante a década seguinte, em Moscou.

As bases que os levaram à revisão global dos fundamentos teóricos da psicologia foram lançadas por Vigotskii, com a formulação de duas hipóteses: "(...) as funções psíquicas do homem são de caráter mediatizado: e os processos intelectuais provêm de uma atividade inicialmente exterior, 'interpsicológicos'".[1]

E, noutro contexto, Luria esclarece:

"Influenciado por Marx, Vigotskii concluiu que as origens das formas superiores do comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indiví-

* Doutor em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP) e professor no Departamento de Educação da UFV.

**Mestre em Educação pelo IESAE/FGV do Rio de Janeiro e professor no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, MG.

[1] Leontiev, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Horizonte Universitário, 1978. p. 153.

duo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto do seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio. O abismo existente entre as explicações cientfficas e naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos não pode ser transposto até que possamos descobrir o meio pelo qual os processos naturais, como a maturação física, e os mecanismos sensórios se entrelaçam aos processos culturalmente determinados para produzir as funções psicológicas dos adultos. Nós precisamos, para assim dizer, caminhar para fora do organismo, objetivando descobrir as fontes das formas especificamente humanas da atividade psicológica" (Luria, 1988, p. 25-6).[2]

Como se vê, o caráter ativo do indivíduo é tomado por Vigotskii como elemento fundamental da análise do comportamento mediado, pois, "o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como parte do processo de resposta" dessa situação. "Foi a totalidade da estrutura da atividade produtora do comportamento que Vigotskii tentou descrever com o termo 'mediação'".[3]

Com essa orientação metodológica básica, os trabalhos dos referidos investigadores abrangeram um leque suficientemente amplo de problemas, que vão das origens e desenvolvimento do psiquismo, da consciência e da personalidade, passando pela linguagem ao pensamento, mediados imediatamente pela cultura e pelo longo processo histórico-social do homem, mediações essas que têm suas bases nos diferentes processos de trabalho, isto é, na produção histórico-material e social da existência dos homens historicamente situados.

Os trabalhos de investigação desses pesquisadores são inúmeros, mas entre nós contamos apenas com algumas obras. (Ver Referências bibliográficas.)

É nossa intenção produzir uma série de artigos como síntese interpretativa dessas obras, para tornar mais acessível sua divulgação.

O presente artigo diz respeito à Formação da personalidade (cap. 5, da obra de Leontiev, (1978): *Actividad, conciencia y personalidad.*

A tese do materialismo histórico é de que o psiquismo é produzido. O psiquismo é definido como sendo o reflexo psíquico ativo da realidade. A atividade é a gênese e mediação universal e particular dessa produção. O psiquismo desenvolvido a um nível superior engendra a consciência. A consciência é definida como um reflexo ativo da realidade, produzido e desenvolvido a partir da prática social, com a participação da prática do indivíduo, que orienta a sua vida frente ao mundo e aos demais indivíduos.

[2] Luria, A. R. In: *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* São Paulo, Icone/Universidade de São Paulo, 1988. p. 25-6.

[3] Vigotskii, L.S. *A formação social da mente.* São Paulo, Martins Fontes, 1984. p. 15.

O aparecimento da consciência determina a origem e desenvolvimento da personalidade. A personalidade é definida como sendo uma nova formação psicológica que vai sendo organizada, "conformada", através das relações vitais do indivíduo no curso da existência, como fruto da transformação de sua atividade.

Assim, o psiquismo, a consciência e a personalidade são produções muito especiais da *atividade.* A natureza e estrutura da atividade e da consciência será objeto de nosso estudo, quando da análise do psiquismo e da consciência nos próximos artigos. No presente estudo, nos ateremos à produção da personalidade.

2. Questões preliminares[4]

Não precisamos trazer prova alguma quanto à dupla natureza do homem, seja como ser "natural", seja como ser "social". As polêmicas em torno dessa dupla natureza do homem só servem para encobrir a verdadeira natureza da discussão que é: o que produz a personalidade?

O pressuposto de que o desenvolvimento da personalidade pode ser deduzido diretamente das forças hereditárias, de um lado e, das forças ambientais, de outro, ainda que premissas necessárias, deixa de lado o essencial quanto à explicação da origem, desenvolvimento e formação da personalidade: a atividade. Quer dizer que as premissas hereditárias e ambientais somente poderão atuar se o sujeito agir, ou seja, desempenhar atividades específicas, atividades estas que têm sua origem na prática social. Esta é a verdadeira tarefa científica em questão.

Esta tese implica que se veja a personalidade surgindo da atividade, engendrada, criada, pela atividade do sujeito em determinadas condições histórico-sociais de uma determinada sociedade. Assim, a marca registrada da personalidade não é algo preexistente, em nenhum sentido, com respeito à sua atividade. A investigação do processo de nascimento e transformação da personalidade do homem em sua atividade – que transcorre em condições sociais concretas – é a chave para se chegar à concepção psicológica autenticamente científica da personalidade.

3. Indivíduo e personalidade são conceitos complementares, mas necessariamente diferentes[5]

O conceito de indivíduo se baseia na indivisibilidade, integridade e particularidade do sujeito, as quais se manifestam desde os primeiros instantes da vida e sua formação continua na ontogênese durante o curso da vida. A indivisibilidade significa que o in-

[4] Leontiev, A.N. *Actividad, conciencia y personalidad.* Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre, 1978. p. 135.

[5] Id. ibid. p. 136-7.

divíduo somente pode ser um sujeito concreto. Nenhum processo pode fazer o indivíduo desdobrar-se em dois: um indivíduo "dividido" é um absurdo. A integridade do indivíduo significa que, no transcurso de sua evolução biológica, filogenética, os órgãos dos sentidos, os órgãos da ação foram diferenciados, bem como suas respectivas funções e, ao mesmo tempo, esses órgãos foram sendo integrados numa direção unitária da vida do indivíduo. As particularidades do indivíduo consistem num conjunto de possibilidades que ele desenvolve no curso da vida, através de suas ações concretas: o desenvolvimento do sistema nervoso, dos órgãos dos sentidos, dos sentimentos, da afetividade, da memória, da percepção e do seu intelecto.

Não havendo coincidência entre os dois conceitos, o de indivíduo e o de personalidade, usamos a palavra personalidade somente em relação ao homem e, ainda mais, somente a partir de certa etapa do desenvolvimento. Não falamos em "a personalidade do animal", nem "a personalidade de um recém-nascido". No entanto, sem dificuldade, chamamos a um animal e a um recém-nascido de indivíduos. Mesmo que uma criança de dois anos manifeste um conjunto de peculiaridades genotípicas e uma ampla gama de peculiaridades adquiridas sob a influência do contexto social, ainda assim, não falamos em personalidade deste infante.

Da mesma forma que dissemos do indivíduo, o conceito de personalidade expressa a integridade do sujeito. A personalidade não se reduz a "pedacinhos". A personalidade, porém, constitui uma formação especial. Não é uma integridade condicionada de modo genotípico. A personalidade não nasce. A personalidade é produzida no contexto social. Além disso, devemos saber que a personalidade, historicamente falando, é um produto relativamente avançado do desenvolvimento histórico-social e ontogenético do homem.

Contudo, quanto às particularidades da personalidade, da mesma maneira que ocorre com o indivíduo, devemos afirmar que são formadas ao longo da vida do sujeito. Formadas, porém, no sentido mais original do termo, porque são construídas pelas relações sociais, mediadas pela atividade do sujeito, na prática social e sobre a natureza. Enquanto isso, as particularidades do indivíduo são desenvolvidas a partir de uma base fornecida pela herança biopsíquica e pela experiência individual e social acumulada historicamente.

4. Tese histórico-social de formação especial da personalidade, própria somente do "ser-homem"[6]

Como já dissemos, a personalidade desse "ser-homem" é literalmente produzida, isto é, criada através das relações sociais que o indivíduo estabelece em sua atividade vital, através do social. As capacidades adaptativas do indivíduo, que são biopsicos-

[6] Id. ibid. p. 138-42.

sociais, podem ser melhoradas até qualitativamente pela intervenção da nova formação psicológica que é a personalidade, porque a personalidade produzida as reorienta num sentido único, que dá a fisionomia específica de cada indivíduo. Apresentamos como demonstração do que afirmamos, por exemplo, uma deficiência física de um indivíduo. Essa deficiência nada diz a respeito do tipo de personalidade desse indivíduo. Poderá mesmo fazer com que a reação do sujeito permita construir peculiaridades novas, que não seriam produzidas sem esta condição física. Bem como poderá fazer com que a personalidade não seja afetada em nada por essa deficiência. Isto porque, por paradoxal que pareça, as premissas do desenvolvimento da personalidade não dependem diretamente das condições de ser homem, mas das condições da atividade parcial assumida pelo sujeito influenciado pelo seu histórico de vida material e social.

Na verdade, tanto o indivíduo quanto a personalidade dele são produtos dos processos e relações vitais do sujeito. Contudo, essa formação especial a que chamamos personalidade possui uma diferença fundamental. A personalidade é determinada pela natureza das relações que a engendra: trata-se das relações sociais com as quais cada sujeito realiza sua atividade, dentro da atividade coletiva. A atividade coletiva, ou prática social, pode ser aquela, em movimento, manifesta enquanto se produz alguma coisa, ou a atividade morta, aquela inerente aos objetos já produzidos, mas atualizados pela atividade presente do sujeito.

A dupla natureza da atividade: trabalho vivo e trabalho morto, nos remete à dupla natureza dos objetos sociais. Os objetos são, de um lado, objetos da natureza e, de outro, objetos construídos enquanto resultado do projeto, do intelecto, da decisão, enfim, das relações sociais objetivas nas quais são produzidos.

O próprio homem participa de dupla natureza: o homem como "sujeito da natureza", de um lado, a natureza biológica adquirida inicialmente – e o "sujeito da sociedade," de outro, a natureza social, totalmente produzida pelo sujeito, cada um, em particular, à medida que sua vida transforma relações materiais em relações sociais.

Nesta direção, o autêntico estudo da personalidade deve ocupar-se com o automovimento da atividade do sujeito no sistema de relações sociais em que está inserido. Assim, o ponto de partida é a atividade do sujeito que atua sobre o mundo e os outros e com ela se modifica a si mesmo. É uma tese de sentido absolutamente real. A princípio o sujeito é dotado de uma força de reação autônoma, contudo, essa força só pode se atualizar através da ação com o exterior – e é ali, onde se opera a transição da possibilidade à realidade, onde se concretiza, desenvolve e enriquece o próprio indivíduo.

4.1 A atividade – fundamento da personalidade[7]

Neste item pretende-se demonstrar que os "autênticos componentes da personalidade" devem ser investigados nos diferentes tipos e formas da atividade.
Paradoxalmente, a personalidade é a unidade superior do homem, mutável como é sua própria vida, bem como é ela que conserva sua constância, sua identidade. Isto quer dizer que, por mais que mudem as experiências de vida, por mais acontecimentos acumulados em situações diversas de vida e, mesmo modificações físicas por que passe o sujeito, apesar disso tudo, a personalidade continua sendo, para ele mesmo e para os outros homens, a mesma em seu núcleo básico. De um lado os traços psicológicos variáveis e intermitentes e, de outro, se contrapõem a permanência e a continuidade do "eu" de cada sujeito.

A questão científica agora será saber o que dá estrutura àquelas qualidades do "eu" de onde resulta um certo princípio especial que forma aquele núcleo da personalidade, de tal modo que todas as aquisições vitais podem modificar-se sem afetar substancialmente o núcleo.

Para a tese histórico-social, o fundamento do núcleo da personalidade, ou seja, o que explica a permanência e continuidade do "eu", encontra-se na categoria "atividade humana". Denominamos atividade ao processo que é estimulado e orientado por um motivo no qual está objetivada uma ou outra necessidade. Isto é, na correlação de atividades está implícita a correlação de motivos. A análise da categoria "atividade humana" já investigada revela que sua estrutura interna é constituída de operações, ações-fins e motivos. Uma vez executada uma atividade em relação a um motivo, torna-se atividade objetivada que mediatiza a formação de novos reflexos psíquicos que vão formando a consciência, uma vez que essa atividade transcorre, para o sujeito, dentro de uma prática social.

Assim, para a teoria histórico-social, o que constitui a base real, a base estável da personalidade do ser humano é o conjunto de suas relações com o mundo (que são sociais por natureza), porém das relações que se estabelecem no conjunto das diversas atividades do sujeito. Dessa forma, as atividades do sujeito são as "unidades" das quais se deve partir para a análise psicológica da personalidade. Partir da descrição e análise das categorias de funções psicofisiológicas, ou mesmo das ações e operações, para se entender a personalidade, é não se chegar a lugar nenhum sob o ponto de vista científico.

Tendo-se presente que o ponto de partida é sempre a atividade, esta vai de encontro a um objeto para concretizar-se e que, uma vez encontrado seu objeto, esse objeto se torna motivo internalizado, que faz retornar àquela atividade; tendo isto presente,

[7] Id. ibid. p. 142-7.

entenderemos que a personalidade somente pode surgir, desenvolver-se e formar um "eu" estável, quando as condições sociais possibilitarem o nascimento de autênticos motivos da atividade. Isto porque, uma vez que a atividade encontrou objetos-motivos eleitos como cheios de sentido para o sujeito, este seguirá elegendo atividades que busquem a concretização daqueles motivos centrais que o realizam como ser humano.

Chegamos aqui a um fato importante de nossa investigação: no curso do desenvolvimento do sujeito, as atividades estabelecem relações hierárquicas entre si. Significa que as atividades não são todas iguais, nem homogêneas.

Ao contrário, num sujeito em desenvolvimento, suas atividades se organizam em relações hierárquicas e são essas hierarquias que vão caracterizar a personalidade. A hierarquia de atividade é fruto de seu próprio desenvolvimento e é ela que forma o núcleo da personalidade. Não há uma predeterminação biológica, nem social, da direção que tomará a personalidade de um sujeito. Mas o biológico e o social permanecem premissas ou condições necessárias. A formação da personalidade é um processo original (que não se dá solto no espaço e no tempo), onde a exigência fundamental é de que o indivíduo entre em atividade pessoal nas relações com os outros homens. Em outras palavras, os "nós", os laços que unem as distintas atividades são atados não pelo laço das forças biológicas ou espirituais do sujeito inserido nele, mas sim que se atam dentro do sistema de relações que o sujeito estabelece consciente ou inconscientemente.

É preciso que se diga logo que, como as atividades não se dão no vazio, mas sim frente a um objeto que se torna motivo da própria atividade, a formação de motivos hierárquicos ou motivos-fins será a conseqüência necessária. Uma hierarquia de atividades requer que o sujeito eleja ao mesmo tempo e conscientemente motivos-fins que correspondam a um "sentido subjetivo" que vai constituir o núcleo estável da personalidade. Quando o sujeito, em seu desenvolvimento pessoal, for capaz de, em condições sociais diferentes, submeter suas atividades a subordinações hierárquicas, ali teremos o início e o progresso do desenvolvimento da estrutura da personalidade. O desenvolvimento e crescimento de diferentes tipos de atividades vão-se centrando ao redor de alguns tipos que são fundamentais e que subordinam outras atividades secundárias. Este complexo e largo processo de desenvolvimento da personalidade tem suas etapas, seus estádios; é inseparável do desenvolvimento da consciência, da autoconsciência, porém, a consciência não constitui seu princípio; somente mediatiza esse desenvolvimento.

Em síntese: o que constitui a base da personalidade é a *atividade* em determinadas condições sociais; esta constitui o psiquismo, a consciência e a personalidade.

4.2 A geração de motivos conscientes – uma central da formação da personalidade.[8]

Já dissemos que a origem de todo o processo de produção e desenvolvimento da personalidade é o caráter ativo do sujeito. Mas isto não é suficiente, pois o indivíduo em movimento requer uma direção para que se desenvolva. Originariamente, os motivos são objetivações (objetos) exteriores ao sujeito, que se apresentam com o potencial de atrair e direcionar a atividade. Daí porque dizemos que a atividade é um processo objetivado, porque tem no outro lado um objeto como objetivo. Por isso afirmamos que todo comportamento e/ou atividade – é motivado. Ainda que não se tenha consciência do motivo no momento de agir.

Essa forma de análise entre atividade e motivos nos leva a introduzir outra determinante do comportamento – a necessidade. Contudo, é preciso que se diga logo que a necessidade não se constitui o ponto de partida, pois a necessidade, inicialmente, apresenta-se ao sujeito somente como condição primeira, como requisito da atividade. Porém, quando o sujeito começa a atuar, de imediato se opera uma transformação na necessidade: esta deixa de ser algo "em si" e passa a ser um motivo detonador da atividade. Por que isto? Porque o agir do sujeito dá-se frente a motivos que são objetos reais e/ou "ideais" externos ao próprio sujeito, mas ocorrendo um primeiro encontro entre o sujeito ativo e o objeto, esse objeto é internalizado como necessidade do sujeito. E, daqui por diante, atuará na condição de necessidade para, em seu retorno, colocar o agir do sujeito novamente em movimento.

Disso se conclui que "nenhuma concepção baseada na idéia de um 'motor' que precede em princípio a própria atividade pode cumprir o papel da idéia inicial, nem ser de fundamento suficiente para a teoria científica da personalidade".[9]

Assim, a teoria histórico-social do psiquismo, da consciência e da personalidade consagram a investigação científica de que as necessidades humanas também se produzem na história de vida do sujeito e a atividade concreta deste sujeito tem, na base das necessidades, seu conteúdo objetivo, pois foi dos objetos materiais ou ideais que se internalizou esta ou aquela necessidade que passou a dar retorno à atividade do indivíduo.

Evidentemente, as necessidades criadas a partir dos objetos materiais ou ideais não têm todas o mesmo sentido, nem o mesmo caráter: umas são de natureza biológica, ou psicofisiológica; outras são de natureza social e, por isso, adquirem um "funcionamento autônomo", ou também chamadas necessidades objetivo-funcionais, como o trabalho e a criação artística; funcionais no sentido de que seu papel não está preso à satisfação de necessidades primárias imediatas, como são aquelas da vida material.

[8] Id. ibid. p. 147-61.

[9] Sève, L. *Marxismo e teoria da personalidade.* Apud Leontiev, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad...* op. cit. p. 150.

E o mais importante é que, no homem, as necessidades estabelecem novas relações entre si. Isto não exclui, porém, mas supõe que, entre as "necessidades vitais" e as necessidades superiores especificamente humanas, estas tenham um peso maior no desenvolvimento pessoal.

Contudo, deve-se ter sempre presente que o desenvolvimento das necessidades não está nelas próprias, "em si", mas nos conteúdos objetivos de que são formadas, isto é, dos motivos concretos da atividade do homem.

A análise das necessidades requer se passe necessariamente à análise dos motivos, porque na base de uma necessidade sempre existe um motivo objetivo que precede a formação da própria necessidade.

Retomando o esquema geral, dizemos que a atividade é sempre motivada, mas devemos reconhecer também que não é a regra que exista coincidência entre os motivos da atividade e os fins que se procura alcançar. A atividade será plena quando o sujeito tem consciência do motivo e persegue um fim que corresponde também àquele motivo que, neste caso, tornam-se motivos-fins. O sujeito sempre tem consciência dos fins, mas não necessariamente dos motivos que o movem a agir. A dificuldade de apreender os motivos reais da atividade a nível consciente reside no fato de que a atividade é polimotivada, isto é, responde, ao mesmo tempo, a dois ou mais motivos. E são os motivos que dão "sentido pessoal" à atividade. Por isso, alguns motivos, ao impulsionar a atividade, conferem-lhe um "sentido pessoal": a esses chamaremos de "motivos geradores de sentido". Os motivos geradores de sentido sempre ocupam um lugar hierárquico, mesmo quando outros fatores podem introduzir estados emocionais intensos. Será somente analisando a atividade concreta de alguém, sua dinâmica, que se poderá dizer quais são seus reais motivos. Ao surgir diante de mim um *fim* tenho consciência dele, de seu condicionamento objetivo, dos meios para alcançá-lo e dos resultados a que conduz e, ao mesmo tempo, se quero alcançá-lo ou não – e são essas vivências que cumprem o papel de sinais internos, que regulam os processos da atividade.

A tomada de consciência dos motivos é um fenômeno que surge ao nível da personalidade em desenvolvimento. Para compreender os autênticos motivos de sua atividade, o sujeito vê-se obrigado a fazer um "caminho de rodeio", auxiliado pelas vivências que servem de sinais afetivos ou marcas emocionais dos acontecimentos.

5. Em conclusão

O desenvolvimento pessoal percorre um longo caminho no interior da atividade humana, com o pressuposto de que cada indivíduo deve extrair da atividade coletiva, historicamente acumulada, seu desenvolvimento. Isso ocorre à medida que assume conscientemente atividades, seja para aprimorar suas habilidades físicas, suas potenciali-

dades intelectuais, sua sensibilidade, pela mediação constante de outra formação especial, a personalidade, que tem na produção da vontade seu fazer mais definidamente humano.

Referências bibliográficas

Bronckart, J.P. et alii. *Vigotskii Aujourd'hui.* Neuchâtel-Paris, Delachaux & Niestlé, 1985.

Leontiev, A.N. *Actividad, conciencia y personalidad.* Buenos Aires, Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

———. *O desenvolvimento do psiquismo.* Lisboa, Livros Horizontes, 1978 *a*

Luria, A.R. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

———. *Pensamento e linguagem.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

Vigotskii, L.S. *Pensamento e linguagem.* Lisboa, 1979.

———. *A formação social da mente.* São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Vigotskii, L.S.; Luria, A.R. & Leontiev, A.N. *Psicologia e pedagogia.* Editorial Estampa, 1977. 2v.

———. ———. & ———. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* São Paulo, Icone/Universidade de São Paulo, 1988.

Weissbourd, B. et alii. *Culture, communication and cognition.* Cambridge, Cambridge University Press, 1985.